

## As ocupações neolíticas em lapiás: o caso de Negrais (Sintra)

*Novas perspectivas de leitura em torno do Complexo de Negrais (Sintra, Portugal) onde se verificou a associação de vários sítios a uma paisagem muito peculiar proporcionada pelos campos de lapiás. Estas formações rochosas calcárias criam um ambiente fechado com abrigos e caminhos labirínticos que foram ocupados desde inícios do Neolítico até finais do Calcolítico. Apesar de apenas contarmos com dados descontextualizados a longevidade da ocupação nos lapiás de Negrais funciona como indicador dos vários momentos cronológico-culturais do Neolítico e Calcolítico da Estremadura Meridional.*

*Palabras chave: Ocupações neolíticas, Lapiás paisagem, Portugal.*

*New perspectives upon the archaeological sites of Negrais (Sintra, Portugal) where several sites are associated in a peculiar surrounding the fields of "lapiás". These limestone rock formations create a closed environment with shelters, labyrinth paths that had been chosen by peasants since the early Neolithic till the late Chalcolithic. A specific study was made about two of the most significant sites: Barruncheiros and Pedraceiras.*

*Key words: Neolithic settlement, «Lapiás» landscape, Portugal.*

### O REGRESSO AOS CAMPOS DE LAPIÁS DE NEGRAIS

Os sítios de Negrais integram a enorme massa de informação e materiais suscitada pela centenária investigação arqueológica na Estremadura portuguesa. Os primeiros estudos arqueológicos dedicados ao conjunto de Negrais foram efectuados em meados do século por Eduardo da Cunha Serrão e Eduardo Prescott Vicente (1956). Em inícios dos anos 80 são efectuadas novas publicações (Serrão 1979; 1980; 1981), 30 anos volvidos após a primeira visita ao local. Os trabalhos de estes e de outros investigadores (nomeadamente Miguéis de Andrade, Pedroso Ferreira e de uma das signatárias) resultaram num vasto conjunto de materiais arqueológicos conservados no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra).

A existência de dois projectos de investigação retomou, na última década, o estudo de sítios há muito conhecidos nesta área regional, tais como Olelas, Penedo do Lexim, Penedo da Cortegaça ou Complexo de Negrais. Sítios paradigmáticos como estes constituem peças fundamentais para a planificação de novas leituras, ainda que em muitos casos as contingências da investigação e da antropização desta

região tenham subtraído muita informação, truncando os dados de forma determinante, pelas crescentes pressões urbanísticas, que recentemente se associaram ao efeito devastador provocado pela laboração de pedreiras.

A abordagem que se apresenta traduz assim o actual estado dos conhecimentos evidenciado por duas distintas linhas de pesquisa das autoras, inserido-se em projectos de investigação em curso, no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos: *A Serra de Sintra no contexto da neolitização da Península de Lisboa* e *O Penedo do Lexim e o povoamento calcolítico de Mafra*.

A história da actividade arqueológica em Negrais deve ser entendida nas dinâmicas específicas da Península de Lisboa (Gonçalves 1995; Simões, no prelo; Sousa 1999) dispersa em vários episódios. Assim, a investigação pré-histórica em meados do século foi fortemente marcada pela escavação de povoados fortificados calcolíticos (como Olelas, Penha Verde, Zambujal, Vila Nova de São Pedro) e de necrópoles (grutas artificiais, antas e *tholoi*). Escassa era a investigação dedicada a povoados abertos integráveis no Neolítico e Calcolítico. Parede e Negrais foram à época casos de excepção no panorama de investigação português.

(\*) Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Museu Arqueológico S. Miguel de Odrinhas.

(\*\*) Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal de Mafra.

Os artigos de Cunha Serrão e Prescott Vicente apresentam elementos fundamentais para a caracterização deste conjunto de sítios, tais como a dispersão do povoamento, o levantamento gráfico das manchas de lapiás e a publicação de materiais arqueológicos. Infelizmente estes textos são frequentemente a nossa única fonte de estudo, uma vez que os campos de lapiás têm sido progressivamente destruídos desde a época da sua identificação.

Os trabalhos efectuados por esses arqueólogos limitaram-se a recolhas de materiais à superfície e nos cortes das pedreiras. Foi a partir desta realidade que os primeiros investigadores tentaram reconstituir uma estratigrafia e identificaram o que poderiam ser estruturas domésticas: interpretadas enquanto lareiras e fundos de cabana.

Muito embora as referidas publicações indiquem a existência de vários sítios no complexo de Negrais, documentando-os cartograficamente e com estampas específicas, o acervo material dos trabalhos desenvolvidos por Eduardo Cunha Serrão, Prescott Vicente e Gil Migueis de Andrade - em depósito no Museu Regional de Sintra (actual Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas) - é omissivo das proveniências exactas dos materiais arqueológicos. A utilização de um conjunto com mais de 600 elementos é portanto realizada com precaução.

As prospecções de António Pedroso Ferreira, natural de Negrais e interessado em arqueologia em geral e no complexo de Negrais em particular, constituem assim uma peça fundamental para este estudo, uma vez que os materiais recolhidos (e doados ao Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas) incluem referências de proveniência.

Apenas a prossecução de trabalhos sistemáticos poderá esclarecer o tipo de ocupação que aqui se processaria, comprovando as várias fases de ocupação através de uma leitura estratigráfica fina complementada com datações de <sup>14</sup>C.

#### CONTEXTOS DE ANÁLISE

O complexo de Negrais situa-se no actual concelho de Sintra (freguesia de Almargem do Bispo), próximo da povoação epónima. Os sítios arqueológicos localizam-se no troço mais oriental da bacia da Ribeira de Cheleiros (linha hidrográfica costeira com pendor SE - W), a cerca de 14 km do Oceano Atlântico e a 9 km da Serra de Sintra, acidente geográfico que domina visualmente esta paisagem.

Em termos regionais, estas jazidas inserem-se na Estremadura meridional portuguesa, vulgarmente designada por *Península de Lisboa* (limitada a Norte pelo Maciço Calcário estremenho e a Sul pelo estuário do Tejo) e, mais concretamente na paisagem baixa e ondulada que se estende para Norte da Serra de Sintra até à zona vestibular da Ribeira de Cheleiros, designada por *Plataforma Litoral a Norte da Serra de Sintra* (Dias 1980).

A Península de Lisboa caracteriza-se por uma grande diversidade geomorfológica. Aos substratos calcários

correspondem áreas baixas e onduladas onde se evidenciam algumas colinas, ao vulcanismo do Complexo Vulcânico de Lisboa estão associadas intrusões basálticas que definem relevos acidentados e que limitam a leste a designada Plataforma Litoral a Norte da Serra de Sintra, as superfícies aluvionares definem áreas aplanadas e férteis, a linha costeira de arriba com algumas reentrâncias abrigadas na foz das linhas de água mais significativas. A Serra de Sintra, assume nesta diversidade de situações um carácter estruturante em termos paisagísticos, uma vez que se trata do único maciço subcristalino da Estremadura portuguesa, soerguendo-se abruptamente sobre as plataformas aplanadas que se estendem para Norte e para Sul.

À multiplicidade de paisagens parece ter correspondido uma equivalente variedade de formas de apropriação do espaço durante a longa diacronia considerada, em termos de recursos explorados, do tipo de implantação e morfologia dos *habitats*.

O presente estudo parte deste âmbito regional restrito para um caso muito concreto e individualizado, que será abordado numa perspectiva diacrónica, envolvendo uma vasta faixa cronológica estendendo-se desde inícios do Neolítico até finais do Calcolítico. Apesar do volume apreciável de sítios e materiais, o conhecimento das sequências neste âmbito regional é apenas possível em termos genéricos, uma vez que escasseiam os dados de escavações, as datações absolutas e os estudos sistemáticos. Esta situação é aliás agravada em virtude da investigação ter sido muito direccionada para alguns âmbitos cronológicos, em tipologias de implantação concretas e segundo alguns estereótipos artefactuais.

A neolitização da Estremadura meridional começa agora a ser conhecida quer através do estudo de antigas colecções como Salemas e Correio Mor (Cardoso *et al.* 1996) quer ainda de novas escavações (Simões, no prelo), complementando a investigação desenvolvida no Maciço Calcário Estremenho em grutas-necrópole e em *habitats* (Zilhão e Carvalho 1996).

Assim, para a Península de Lisboa, às etapas mais precoces do Neolítico, caracterizadas artefactualmente pela presença de cerâmicas incisas e impressas, correspondem ocupações junto a antigos estuários (praia de S. Julião), lapiás (Salemas, Fonte Figueira, Negrais), em gruta (Correio Mor), num ambiente de montanha (São Pedro de Canaferrim) e em elevações com domínio de paisagem (Olelas e Penedo da Cortegaça). Contudo, esta leitura baseia-se num frágil registo arqueológico, uma vez que apenas para o caso de São Pedro de Canaferrim é possível caracterizar os contextos artefactuais e estratigráficos, estabelecer atribuições cronológicas com base em datações absolutas, definir a morfologia do *habitat*. A aparente contemporaneidade sugerida pelos paralelos tipológicos cerâmicos poderá no entanto mascarar vários patamares dos momentos iniciais do Neolítico e até mesmo do Neolítico pleno.

A clássica divisão tripartida do Neolítico encontra-se na Península de Lisboa apenas representada nas suas fases extremas: Neolítico antigo por um lado e Neolítico final por outro. No actual estado dos conhecimentos não existe nenhuma jazida (necrópole ou *habitat*) claramente atribuível ao Neolítico médio. Como foi já referido, esta ausência deverá estar relacionada com o estado incipiente da actividade arqueológica.

O Neolítico final encontra-se amplamente documentado nesta região, traduzindo um povoamento disperso, com a apropriação de distintos espaços ecológicos. Conhecem-se vários sítios de *habitat* (como Olelas, Negrais, Penedo da Cortegaça), necrópoles (grutas artificiais como Praia das Maças ou Carenque, antas, cavidades cársicas). Para esta cronologia existem também evidências de povoados abertos como Parede ou Negrais. Apesar da abundância de estações arqueológicas conhecidas e escavadas, os dados publicados são muito insuficientes, constituindo Leceia o único sítio caracterizado em termos de sequências cronológico-culturais (Cardoso *et al.* 1996). No panorama apresentado, a atribuição ao Neolítico final é apenas efectuada através de protótipos artefactuais, nomeadamente a presença de taças de bordo denteado e vasos carenados.

Com as primeiras comunidades agro-metalúrgicas do Calcolítico verifica-se uma retracção do povoamento que se concentra em locais mais elevados com condições naturais de defesa, por vezes acentuadas pela construção de linhas de muralha (Sousa 1998). Os povoados fortificados têm constituído um dos objectos privilegiados da pesquisa pré-histórica desta região (desde o século XIX), em prejuízo de outros tipos de registo arqueológico. Apesar desta incidência e do elevado número de recintos fortificados conhecidos, a sua caracterização foi centrada sobre as linhas de muralha e ao faseamento arquitectónico, constituindo Leceia uma excepção neste panorama (Cardoso 1989, 1993). Os povoados fortificados da região assumem diversidade soluções estruturais, desde os lugares de maiores dimensões como Zambujal e Leceia, até fortificações entre afloramentos naturais como Penedo do Lexim ou Penha Verde. Conhecem-se vários contextos de necrópole integráveis neste período, tais como *tholoi* e a reutilização de antas, grutas artificiais e naturais (Gonçalves 1995). Em muitos casos verifica-se uma continuidade de ocupação com o Neolítico final nomeadamente nos povoados de altura e nas necrópoles, noutros lugares - como se verá para o Complexo de Negrais - ao Calcolítico inicial e pleno parece ter correspondido uma fase de abandono.

A cronologia e a forma do surgimento das cerâmicas campaniforme encontra-se ainda por clarificar, como se atesta pelos recentes trabalhos em Leceia (Cardoso e Soares 1997). Apesar da inexistência de escavações sistemáticas em *habitats* campaniformes (nomeadamente o grupo inciso), é muito expressiva a dispersão das jazidas revelando um povoamento disseminado.

#### A APRESENTAÇÃO DE UM CENÁRIO ESPECÍFICO

Os sítios de Negrais revelam modos de ocupação do espaço muito particulares, numa paisagem única oferecida pelos campos de lapiás.

A lapialização resulta de um processo de corrosão química, erosão mecânica das águas por vezes acentuada por organismos vegetais (Fleury 1917: 133), “ (...) entre Pero Pinheiro e Negrais há um conjunto singular de rochedos recortados denominados *lapiás*. Foram desentranhados de uma bancada calcária muito erodida dando origem a afloramentos pétreos com formas pouco vulgares” (Mattoso *et al.* 1998). Este fenómeno não é exclusivo do “mundo calcário”, mas é aqui mais frequente e com resultados mais evidentes.

No actual território português, os campos de lapiás mais paradigmáticos são sem dúvida os conjuntos de Almargem do Bispo - Pêro Pinheiro, caracterizados por um substrato geológico Calcário Turoniano e Cenomaniano, com circulação de água subterrânea de natureza cársica e fenómenos de vulcanismo episódico.

Em termos geomorfológicos foram identificados por Fleury (1917) vários campos de lapiás em torno da povoação de Negrais: (1) Grupo central de Pedra Furada, hoje cortado em duas partes por uma via férrea; (2) Grupo Este - Pedra d'Abelha, Negrais, Santa Eulália; (3) Grupo Oeste - Granja dos Serrões e Pero-Pinheiro; (4) Grupo Norte - Maceira e Santa Eulália (Fleury, 1917).

Actualmente assumem significativa importância - do ponto de vista ambiental e arqueológico - grupos como Granja dos Serrões, Pedra Furada e Negrais.

Em Negrais os lapiás têm uma altura que oscila entre 1,50 m e 4 m, agrupando-se em blocos, as variações ora são gradualmente alteradas ou bruscamente interrompidas. Em torno da povoação de Negrais os blocos com mais de 3 m são frequentes, formando frequentemente abrigos naturais.

As suas formas são extremamente irregulares e modeladas, apresentando mesmo a aparência de silhuetas animais e humanas. Cunha Serrão viu nos penedos zoomorfos, por vezes acentuados pela acção humana, evidências de protecção tutelar traduzindo vivências do sagrado. (Serrão 1981).

Não se tratando de sítios com estruturas defensivas, a protecção (visual e tutelar) oferecida pelos penedos constitui um factor determinante para a fixação de comunidades ao longo de uma cronologia bastante alargada: desde momentos iniciais do Neolítico até aos finais do 3º Milénio a. C.

Condicionado por um cenário singular o “Complexo Arqueológico de Negrais” não pode ser entendido como uma entidade única, quer a nível paisagístico, uma vez que se verificam diferentes realidades orográficas; quer a nível arqueológico, uma vez que aqui se inscreve um conjunto de sítios assumindo uma estratificação horizontal.

Embora os campos de lapiás de Negrais possam ser entendidos como um todo em termos morfológicos, devemos sempre ressaltar a existência de especificidades paisagísticas. Assim, os casos em análise, Barruncheiros e Pedraceiras, testemunham

situações bem distintas. Nos Barruncheiros, em pleno interior do campo de lapiás, encontramos uma maior densidade e monumentalidade dos afloramentos enquanto que nas Pedraceiras, na zona limite deste campo, os lapiás se encontram mais disseminados, com menor dimensão. Estas distinções encontram-se também testemunhadas em termos topográficos: Pedraceiras corresponde a um topo, vertente e vale formando uma espécie de anfiteatro sobre a actual povoação de Negrais, e mais concretamente sobre Barruncheiros que se encontra implantado num vale, com escasso domínio sobre a paisagem.

### UM COMPLEXO DE SÍTIOS

Negrais traduz uma modalidade de ocupação do espaço disseminada, com núcleos diferenciados em vários sítios do campo de lapiás numa área de quase 2 km<sup>2</sup>. Apesar das semelhanças tipológicas por vezes registadas ao nível artefactual, a aparente extensão do povoamento poderá corresponder ao acumular de múltiplas ocupações definindo uma estratigrafia horizontal.

Cunha Serrão abordou os sítios identificados como um único conjunto, contudo refere e apresenta cartograficamente três grandes núcleos de povoamento:

**1. Zona I:** Campos de lapiás a Sudeste da povoação de Negrais.

· Zona Ia: núcleo de lapiás mais denso, onde se localizam várias cavidades como a Casa da Bruxa (onde E. Cunha Serrão realiza uma escavação onde apenas foi recolhido um fragmento de queijeira), e rochedos imbuídos de lendas no imaginário local, como o Baile da Bruxa e o Penedo Gordo;

· Zona Ib: núcleo situado a Sudeste da zona Ia, também referido como *Pedraceiras*;

· Zona Ic: sítio contíguo da zona Ib onde foram efectuados achados de superfície e em pedreiras - "estrato com materiais de feição neolítica e outros incaracterísticos".

**2. Zona II:** núcleo muito próximo da povoação, no sítio dos *Barruncheiros*.

**3. Zona III:** Monte do Musgo, onde está a gruta da Moura. Neste local que dista 1000 ESE do largo da povoação de Negrais, foi efectuada uma sondagem em 1960 onde apenas foram recolhidos materiais modernos.

A ocupação destes sítios deveria ser predominantemente de *habitat* ainda que se registem indícios de usos sagrados, sendo complexo atribuir designações específicas, na ausência de trabalhos sistemáticos, nomeadamente escavações arqueológicas.

O presente trabalho aborda preferencialmente o carácter doméstico da ocupação humana em lapiás, até porque nos parece constituir a principal modalidade de ocupação deste espaço. Contudo, quer a morfologia do lapiás (com cava-

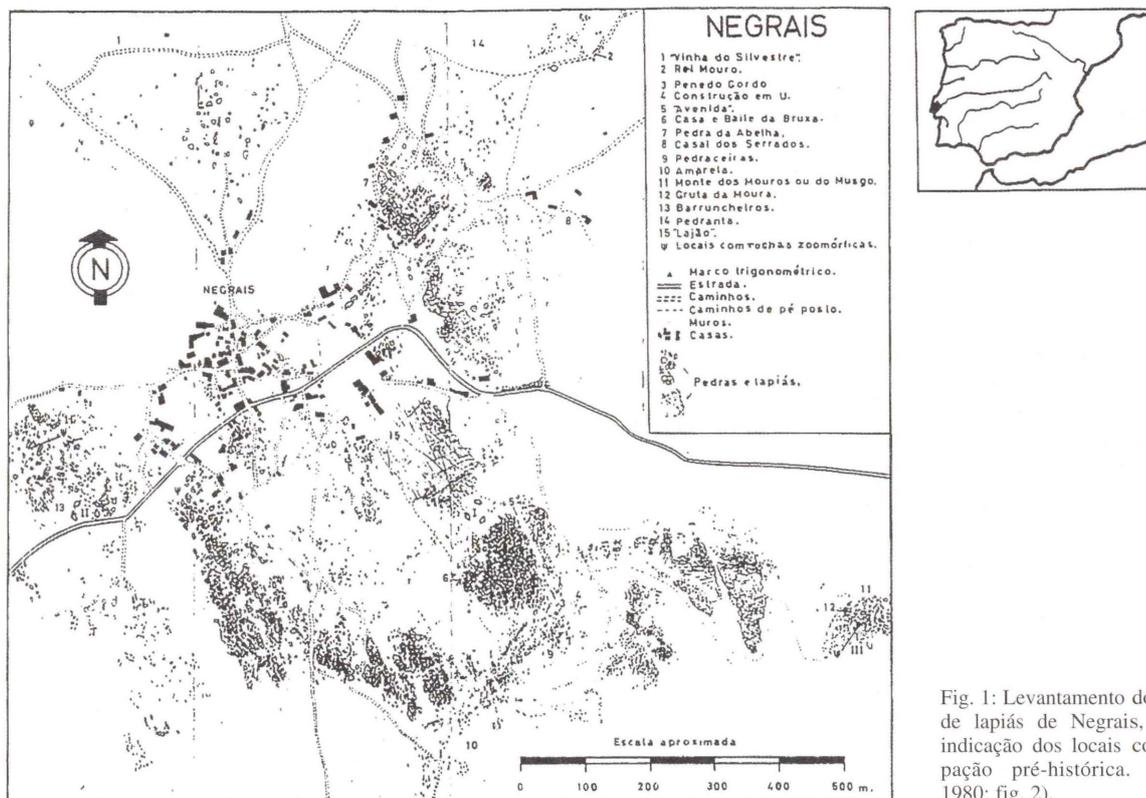


Fig. 1: Levantamento do campo de lapiás de Negrais, com a indicação dos locais com ocupação pré-histórica. (Serrão 1980: fig. 2).

des formando por vezes grutas naturais), quer a natureza e estado de conservação de alguns espólio parecem indicar a sua utilização em contextos votivos, eventualmente de necrópole. Neste âmbito podemos incluir um fragmento de placa de xisto com decoração geométrica, um vaso campaniforme quase intacto (ambos provenientes das Pedraceiras), para além de artefactos de pedra polida, nomeadamente enxós, sem traços de uso evidentes.

Do conjunto dos sítios identificados podemos distinguir dois núcleos que apresentam uma grande intensidade de ocupação (materializada na abundância de artefactos) e que constituem o nosso objecto de estudo privilegiado: Pedraceiras e Barruncheiros.

**Pedraceiras (Zona Ib** segundo Serrão, 1981).

CMP 402-1961. Coordenadas Geográficas: Latitude 38°52'25.8323"; Longitude 9°16'33.9993"

O sítio das Pedraceiras localiza-se numa área com lapiás pouco denso, apresentando formações mais jovens, dispersas numa zona de transição para os campos férteis de Almargem do Bispo. Topograficamente situa-se num ponto ligeiramente sobrelevado em relação à povoação de Negrais, ocupando uma vertente.

A observação do corte de pedreiras levou Cunha Serrão a identificar dois estratos "com grande predominância de tipos neolíticos num deles, e apenas cerâmica campaniforme no outro" (Serrão 1981: 105). A laboração das pedreiras que permitiu a observação desta "estratigrafia" já quase destruiu o sítio arqueológico.

A abundância de pedra lascada em sílex, comum a todo o lapiás de Negrais, assume aqui uma expressão mais significativa talvez testemunhada no topónimo Pedraceiras.

É também citada uma Zona Ic (Amarela), contígua e a existem várias cavidades como a Casa da Bruxa, investigada por Cunha Serrão.

Barruncheiros (referidos em Serrão, 1981 como **Zona II**),

CMP 402-1961. Coordenadas Geográficas: Latitude 38°32'25.8323"; Longitude 9°16'33.9993"

Os Barruncheiros situam-se numa área muito próxima da povoação, quase integralmente destruída pela actividade extractiva das pedreiras desde os anos 50 e actualmente por um estabelecimento comercial de restauração.

Concentram-se aqui os campos de lapiás mais densos e com maior monumentalidade (ainda parcialmente conservados), situação potenciada por um posicionamento topográfico deprimido. Entre os lapiás deste pólo incluem-se os conhecidos rochedos onde Cunha Serrão identificou os zoomorfos.

Neste núcleo com uma área de 200 m de diâmetro, entre 20 e 50 cm de profundidade surgiram cinzas, carvões e ossos que sugeriram aos primeiros investigadores a presença de fundos de cabana.

Foi aqui identificada ocupação do Neolítico, Neolítico final, Calcolítico e Calcolítico com Campaniforme.

## AS ANTIGAS OCUPAÇÕES HUMANAS NOS LAPIÁS DE NEGRAIS

As ocupações humanas registadas arqueologicamente desde o Neolítico apresentam-se em contínuo, muito para além do Neolítico e Calcolítico aqui em estudo: na Idade do Ferro como a sepultura do Rei Mouro (Serrão e Vicente 1979), em período romano (em áreas limítrofes) e até mesmo em épocas actuais. De facto, na zona mais densa do campo de lapiás de Negrais encontra-se hoje uma aldeia, com habitações parcialmente construídas sobre os afloramentos. São particularmente significativos os micro-topónimos e as lendas associadas aos lapiás.

No âmbito da Pré-história, até ao momento não foram detectadas evidências directas de vestígios anteriores ao Neolítico que marca o início da presença humana de Negrais. Neste âmbito cronológico, compreendido entre o 5º e o 3º Milénio a.C. torna-se difícil estabelecer subdivisões temporais, uma vez que como foi já referido, para o Neolítico e Calcolítico da Baixa Estremadura portuguesa escasseiam os trabalhos actuais e os projectos de investigação sistemáticos.

Datar esta realidade é apenas possível através da cultura material em análise, elemento manifestamente insuficiente. Recolhas descontextualizadas produzem sempre um conjunto de artefactos e ecofactos muito condicionado, não traduzindo fielmente as presenças relativas mas antes a selectividade das recolhas efectuadas.

Parte representativa do acervo é constituído por pedra lascada (sílex e quartzo hialino), perfazendo 72% do conjunto de Pedraceiras e 43% dos Barruncheiros, com abundantes restos de talhe. Ambos conjuntos são constituídos por suportes alongados (lâminas e lamelas), destacando-se a presença de pontas de seta nas Pedraceiras. As lâminas foliáceas estão documentadas nos dois sítios. Foram também recolhidos artefactos de pedra polida (machados e enxós) maioritariamente em anfibolito ainda que se registem objectos polidos sobre matéria regional: xisto do Ramalhão. Muito escassos são os artefactos de osso.

A cerâmica é então o indicador possível. Muitos dos fragmentos incluídos nos conjuntos em análise são de difícil atribuição cronológico-cultural, considerando a longevidade de determinados tipos. A cerâmica lisa, com formas simples, taças e hemisferas, pode integrar distintos períodos cronológicos.

É possível identificar através do estudo das cerâmicas quatro conjuntos integráveis em outros tantos momentos cronológico-culturais: Neolítico antigo / médio, Neolítico final, Calcolítico inicial e pleno e Campaniforme.

Os materiais integráveis num momento recuado do Neolítico constituem um conjunto pouco expressivo em termos numéricos, estando presente nos dois sítios em estudo. São sobretudo cerâmicas decoradas com motivos em espiga, embora estejam documentadas decorações em bandas, asas e mamilos. Cunha Serrão integrou estes vestígios no Neolítico médio atlântico (Serrão 1981: 114), reconhecendo-os enquanto primeiros testemunhos da ocupação humana destes

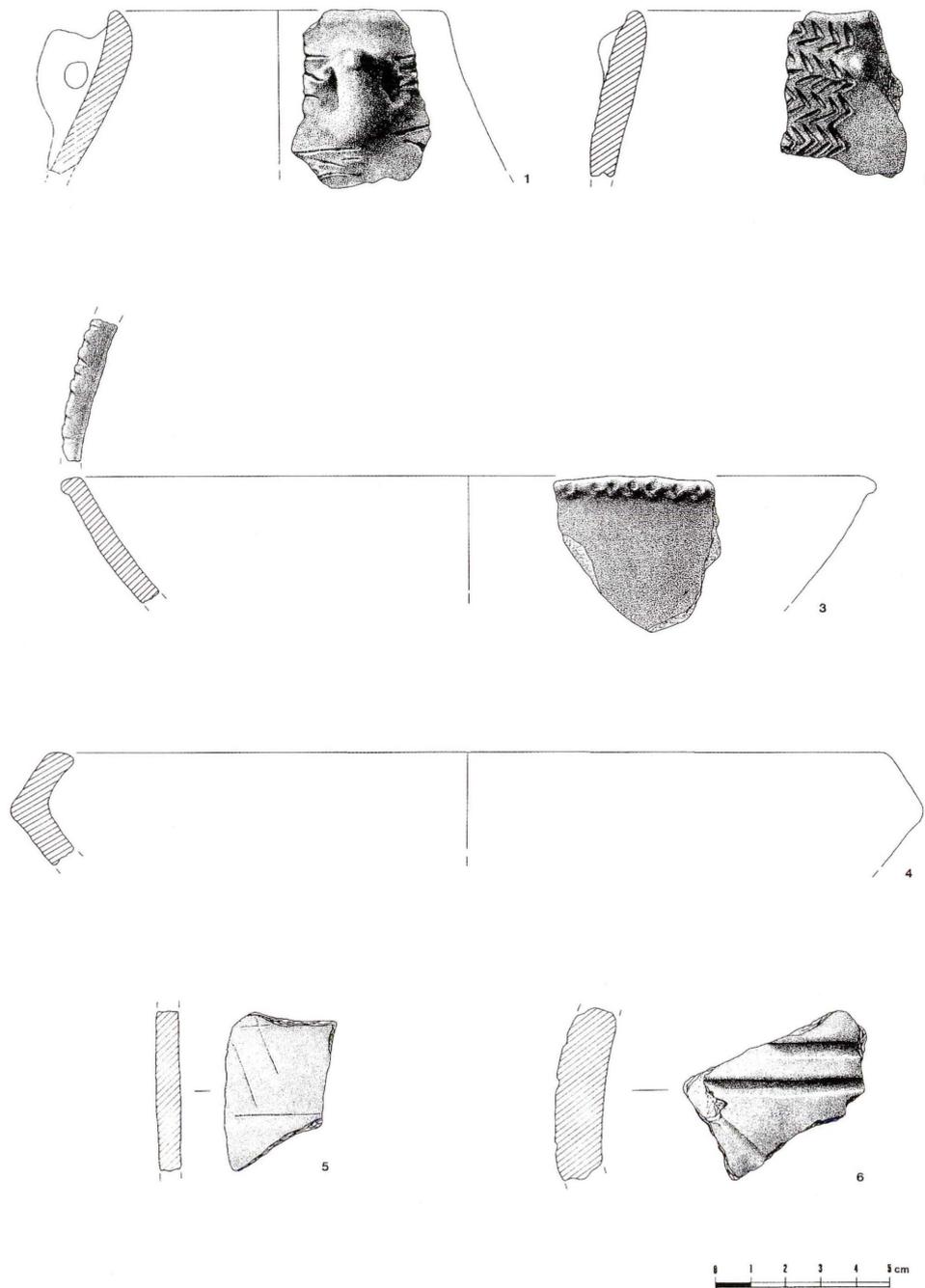


Fig. 2: Cerâmicas representativas de 3 períodos de ocupação nos sítios de Negrais: Cerâmicas com decoração incisa e impressa de tradição de Neolítico antigo (1, 2); vaso carenado e taça de bordo denteado integráveis no Neolítico final (3, 4); fragmentos decorados atribuíveis ao Calcolítico pleno (5, 6).

locais. A nível das formas e dos motivos decorativos identificados são evidentes os paralelos tipológicos com os materiais de São Pedro de Canaferrim, em contexto datado de inícios do 5º Milénio a. C. (Simões, no prelo), não nos parecendo plausível a sua integração sistemática em conjuntos do Neolítico final como tem sido defendido por alguns autores (Carreira e Cardoso 1994).

Parte considerável da amostra em estudo é constituída por uma associação de formas e tipos que têm sido atribuídos ao Neolítico final da Península de Lisboa, tais como formas carenadas, taças de bordo em aba e bordos denteados que foram já reconhecidos em Leceia em contextos arqueológicos na 2ª metade do 4º Milénio a. C. Tal como sucede para a fase mais antiga de ocupação este período encontra-se atestado em Pedraceiras e Barruncheiros.

Particularmente relevante é o quase total desaparecimento de indicadores materiais do Calcolítico inicial e pleno, ausência aliás já notada por Cunha Serrão (1981: 114). Com efeito, num universo de centenas de registos apenas se identificaram dois fragmentos atribuíveis a este período: um copo canelado do Calcolítico inicial e um pote decorado com caneluras largas atribuível a uma fase plena do Calcolítico.

Os campos de lapiás de Negrais devem ter sido ocupados intensamente durante os momentos terminais do Calcolítico, a avaliar pelo número de cerâmicas campaniformes registadas. Estas pertencem na sua quase totalidade ao grupo inciso, com escassíssimas cerâmicas pontilhadas, encontrando-se totalmente ausente qualquer fragmento de tipo marítimo. A presença dominante dos tipos incisos poderá já indicar uma ocupação mais recente de finais do 3º Milénio a. C.

### O COMPLEXO DE NEGRAIS, O NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO DA PENÍNSULA DE LISBOA

Numa leitura global, essencial é entender o designado Complexo Arqueológico de Negrais enquanto um amplo espaço natural, único quer pela sua especificidade paisagística quer pelo tipo de estruturação do habitat que os campos de lapiás condicionam. A dispersão dos sítios poderá documentar várias realidades de ocupação doméstica em termos de intensidade das estadas, sazonalidade e funcionalidade específica, traduzindo muito provavelmente uma interação dos vários locais. O carácter labiríntico do lapiás implicaria um profundo conhecimento deste espaço particular. A modalidade de povoamento que a ocupação no âmbito dos lapiás traduz parece indicar um carácter disseminado em que o controlo estratégico de amplas unidades de paisagem resulta claramente comprometido. Viver nos abrigos do lapiás significa não ser visto do exterior, nem controlar visualmente a área envolvente onde se encontram reconhecidos vários povoados das mesmas cronologias.

Este posicionamento particular, na ausência de domínio de paisagem, deverá ter constituído o principal motivo para o virtual desaparecimento durante o Calcolítico inicial e pleno, quando as comunidades agro-metalúrgicas optam por

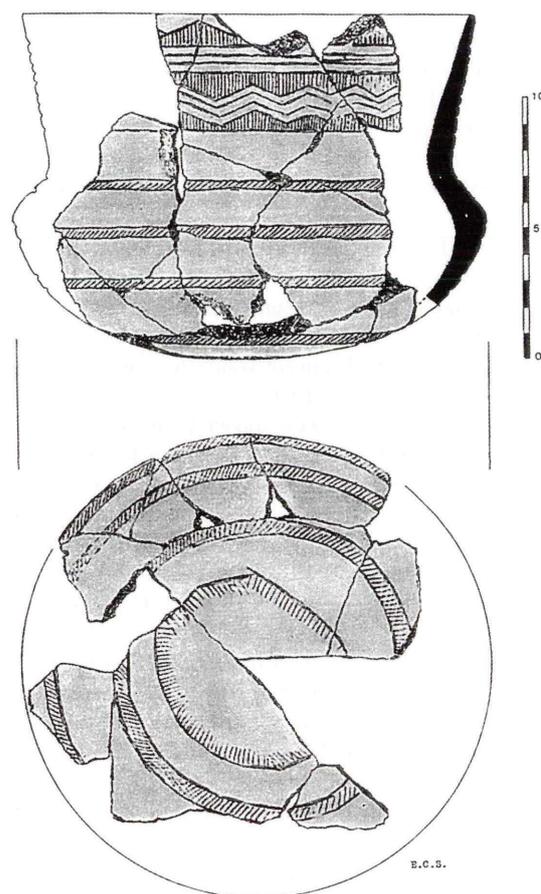


Fig. 3: Vaso campaniforme inciso recolhido em Pedraceiras, Negrais (Serrão 1981: fig 2)

um povoamento de sítios de altura, com estruturação fortificada do *habitat*. Nesta área regional concreta esta situação encontra-se documentada em dois sítios fortificados com intervisibilidade com Negrais: Penedo do Lexim e Olelas, que se encontram a um raio inferior de 5 km.

Em termos diacrónicos podemos vislumbrar um contínuo de ocupação dos lapiás por grupos de agricultores e pastores desde inícios do Neolítico até finais do Calcolítico com uma ruptura explícita na 1ª metade do 3º Milénio a. C. O regresso ao local pelas comunidades com campaniforme inciso traduz as mudanças na estruturação destas comunidades nos finais do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze. Situação que confirma aliás a dinâmica do povoamento regional na transição do 3º para o 2º Milénio.

Particularmente significativa é a primeira ocupação deste espaço, documentada até ao momento, que se encontra definida através da presença das mais antigas comunidades produtoras da Estremadura portuguesa. Numa perspectiva de

conjunto é possível verificar que estes grupos neolíticos adoptam implantações muito diversificadas evidenciando a exploração de recursos complementares como os que podem ser explorados nos estuários em lapiás, em locais com domínio de paisagem e mesmo em contextos de montanha. O carácter não funerário dos sítios de Negrais encontra paralelos próximos nos lapiás de Fonte Figueira (Pedra Furada, Sintra) e eventualmente nos sítios destruídos de Saibreira II, Cabreiro II em Cascais (Cardoso 1991: 40) e Castelo 1º em Oeiras (Cardoso e Cardoso 1993: 70). No entanto, a utilização funerária para momentos iniciais do Neolítico encontra-se também atestada, nomeadamente da Pedreira das Salemas onde se registam enterramentos em fossa na área do *habitat* (Cardoso *et. al.* 1996).

Para além dos aspectos topográficos, as ocupações em lapiás são também fortemente marcadas pelo tipo de recursos disponíveis. Se outros elementos como o acesso à água, matérias combustíveis, materiais de construção, matérias primas (como o sílex) encontram-se em posicionamentos semelhantes aos povoados da área, nomeadamente Olelas, o acesso a terra arável apresenta contornos distintos. Com efeito, na área onde aflora o substrato calcário não é possível realizar qualquer tipo de culturas (Coularou *et al.* 1990: 201). As excepções podem encontrar-se para as Pedraceiras que ocupam a área periférica do lapiás, na proximidade das terras férteis de Almargem do Bispo. Quer a caça quer a pastorícia seriam actividades facilmente desenvolvidas neste ambiente.

É impossível regressar as estações arqueológicas do campo de lapiás de Negrais identificado por Cunha Serrão há quase meio século. As leituras actuais são necessariamente truncadas e praticamente inultrapassáveis através de novos trabalhos de campo. A situação observada e documentada pelos primeiros investigadores encontra-se agora muito amputada, num perpetuar de destruições e pressões urbanísticas. Apenas noutros locais do lapiás, que não as Pedraceiras e os Barruncheiros, se poderão aferir as leituras aqui apresentadas com contextos preservados.

## BIBLIOGRAFÍA

- AGUAYO DE HOYOS, P.; BARAHONA CAPEL, J.; GARRIDO, O.; PADIAL, B. 1993. Efectos de la evolución del Lapiáz sobre yacimientos situados en calizas: El caso del Cerro de las Motillas. *Arqueologia Espacial: Procesos Postdeposicionales*. Teruel. 16-17: 105-118.
- AGUAYO DE HOYOS, P.; SANCHEZ, L.; MARTINEZ, C. 1993. La conservación de yacimientos arqueológicos en rocas blandas: Un ejemplo de la depresión de Guadix-Baza. *Arqueologia Espacial: Procesos postdeposicionales*. Teruel. 16-17: 119-132.
- CARDOSO, G. 1991 – *Carta Arqueológica do concelho de Cascais: III*. Cascais: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. 1989.- *Leceia. Resultados das escavações realizadas: 1983-1988*. Oeiras
- CARDOSO, J. L. 1993.- *Leceia. 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. Estudos arqueológicos de Oeiras. N. especial: 163*. Oeiras
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. 1993 – *Carta arqueológica do concelho de Oeiras. Estudos arqueológicos de Oeiras. 4: 126*. Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. 1996.- *Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 6: 263-276*. Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R.; FERREIRA, O. V. 1996. Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras. 6: 263-276*. Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A M. 1997. Cronologia Absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português (1990-1992)*. Série 4, 8/10: 203-228. Lisboa.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. 1994. Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico Final Estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993): 69-78*. Lisboa.
- COLOMER, A ; COULAROU, J.; GUTHERZ, X. 1990 – *Boussargues (Argelliers, Hérault): un habitat ceinturé chalcolithique: les fouilles du secteur ouest*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archeologie Française, 24).
- DIAS, M. H. 1980. *A Plataforma Litoral a Norte da Serra de Sintra: estudo dos depósitos de cobertura.*: 55. (Linha de acção de Geografia Física; 11). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos
- FLEURY, E. 1917 - Notes sur l'érosion en Portugal. II Le lapiás des calcaires au Nord du Taje. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. 12: 127-274*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. 1995. *Sítios, "Horizontes" e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas: 304*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais,
- MATTOSO, J.; DAVEAU, S.; BELO, D. 1997 – *Portugal - o sabor da terra: Lisboa*. Lisboa: Círculo de Leitores. 126 p.
- SERRÃO, E. C. 1979 - O complexo Arqueológico do Lapiás de Negrais (Sintra) - I. *Arqueologia. 2: 30-36*. Porto
- SERRÃO, E. C. 1980. O complexo Arqueológico do Lapiás de Negrais (Sintra) - II. *Arqueologia. 3: 36-42*. Porto.
- SERRÃO, E. C. 1981. O complexo Arqueológico do Lapiás de Negrais (Sintra) - III. *Arqueologia. 4: 105-115*. Porto.
- SERRÃO, E. C.; VICENTE, E. P. 1956. Note préliminaire sur la station eneolithique de Negrais. In *IV Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas (Madrid, 1954): 601-611*, Zaragoza.
- SERRÃO, E. C.; VICENTE, E. P. 1980. A Sepultura do Rei Mouro (uma estação da Idade do Ferro) - Negrais (Sintra). *Arqueologia: 2, 29*. Porto
- SIMÕES, T. 1996. O sítio de São Pedro de Canaferrim, Sintra. *Actas do I Congrès del Neolitic a la Península Ibérica: formació i implantació de les comunitats agrícoles: 329-336*. Gavá 1995. Rubricatum I.
- SIMÕES, T. no prelo. *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim: contribuições para o estudo da neolitização da Península de Lisboa.. (Trabalhos de Arqueologia)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Tese de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa e defendida em 1998
- SOUSA, ANA CATARINA 1999. *O Neolítico final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros.. (Trabalhos de Arqueologia, 11): 275*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia
- ZILHÃO, J. E CARVALHO, A F. 1996. o Neolítico do Maciço calcário estremenho: cronoestratigrafia e povoamento. *Actes de I Congrès del Neolitic a la Península Ibérica: formació i implantació de les comunitats agrícoles.: 659-672*. Gavá. Rubricatum, 1